



Determinantes que influenciam na continuidade da prática do aleitamento materno

Determinants that influence the continuity of breastfeeding

Determinantes que influyen en la continuidad de la lactancia materna

Maria Eduarda Veloso Lima¹, Laisy da Cruz Corrêa¹, Uyara Cabral de Freitas¹, Matheus Maciel das Mercês¹, Jean Carlo Trindade Pinto¹, Maria Izabelle da Silva Martins¹, Amanda Rodrigues de Vilhena¹, Alan de Sousa Nunes¹, Elida Cristina Bezerra Gadelha², Luisa Margareth Carneiro da Silva¹

RESUMO

Objetivo: Descrever os principais fatores biopsicossociais que influenciam positivamente e negativamente o aleitamento materno. **Métodos:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, com levantamento bibliográfico realizado em março de 2023 nas bases de dados: LILACS, MEDLINE, BDNF e SCIELO, por meio dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Aleitamento materno, Desmame precoce, Nutrição do lactente e Saúde da criança, com o uso do operador booleano “AND”. Foram incluídos artigos publicados em bases de dados nacionais e internacionais, com textos completos disponíveis, em português e inglês, e publicados entre os anos de 2013 a 2023. **Resultados:** No total, 15 estudos estavam em conformidade com os critérios de inclusão estabelecidos, respondendo à questão norteadora sobre quais são os determinantes na prática da amamentação, apresentando como fatores influenciadores, principalmente, dificuldades associadas ao déficit no conhecimento prático da amamentação, intercorrências mamárias, falta de suporte no ambiente familiar e de trabalho, além da assistência na saúde desamparada, dentre outros motivos. **Considerações finais:** O aleitamento materno é influenciado por questões biológicas, sociodemográficas e socioculturais que determinam essa prática e, por isso, há a necessidade de mais estudos voltados para aspectos subjetivos do processo de amamentação, visando intervenções mais efetivas, ampliação e atualização das estratégias já existentes.

Palavras-chave: Aleitamento materno, Desmame precoce, Nutrição do lactente, Saúde da criança.

ABSTRACT

Objective: To describe the main biopsychosocial factors that positively and negatively influence the practice of breastfeeding. **Methods:** This is an integrative literature review, with a bibliographical survey carried out in March 2023 in the databases: LILACS, MEDLINE, BDNF and SCIELO, through the Health Sciences Descriptors (DeCS): Breastfeeding, Early weaning, Nutrition and Child Health, using the Boolean operator “AND”. Articles published in national and international databases were included, with full texts available, in Portuguese and English, and published between the years 2013 to 2023. **Results:** In total, 15 studies

¹Universidade Federal do Pará, Belém – PA.

²Universidade do Estado do Pará, Belém – PA.

complied with the established inclusion criteria, answering the guiding question about what are the determinants in the practice of breastfeeding, presenting as influencing factors, mainly, difficulties associated with the deficit in practical knowledge of breastfeeding, breast complications, lack of support in the family and work environment, in addition to helpless health care, among other reasons. **Final considerations:** Breast feeding is influenced by biological, sociodemographic and sociocultural issues that determine this practice and, therefore, there is a need for more studies focused on subjective aspects of the breastfeeding process, aiming at more effective interventions, expanding and updating existing strategies concluded that the population of active adults participating in this study has inadequate knowledge about functional foods, which are not included in their usual diet.

Keywords: Breast feeding, Early weaning, Infant nutrition, Child health.

RESUMEN

Objetivo: Describir los principales factores biopsicosociales que influyen positiva y negativamente en la práctica de la lactancia materna. **Métodos:** Se trata de una revisión integrativa de la literatura, con levantamiento bibliográfico realizado en marzo de 2023 en las bases de datos: LILACS, MEDLINE, BDNF y SCIELO, a través de los Descriptores en Ciencias de la Salud (DeCS): Lactancia Materna, Destete Temprano, Nutrición y Salud Infantil, utilizando el Booleano operador "AND". Se incluyeron artículos publicados en bases de datos nacionales e internacionales, con texto completo disponible, en portugués e inglés, y publicados entre los años 2013 a 2023. **Resultados:** En total, 15 estudios cumplieron con los criterios de inclusión establecidos, respondiendo a la pregunta orientadora sobre cuáles son los determinantes en la práctica de la lactancia materna, presentando como factores influyentes, principalmente, dificultades asociadas al déficit de conocimiento práctico de la lactancia materna, complicaciones mamarias, falta de apoyo en el ámbito familiar y laboral, además del desamparo sanitario, entre otros motivos. **Consideraciones finales:** La lactancia materna está influenciada por cuestiones biológicas, sociodemográficas y socioculturales que determinan esta práctica y, por lo tanto, existe la necesidad de más estudios centrados en los aspectos subjetivos del proceso de lactancia materna, con el objetivo de intervenciones más eficaces, ampliación y actualización de las estrategias existentes.

Palabras clave: Lactancia Materna, Destete temprano, Nutrición del Lactante, Salud infantil.

INTRODUÇÃO

O aleitamento materno é fundamental para o crescimento saudável da criança durante os primeiros dois anos de vida e impacta positivamente a qualidade de vida adulta, reduzindo riscos de mortes precoces e o desenvolvimento de doenças crônicas (WHO, 2021).

Apesar de muitos benefícios, os dados sobre o aleitamento materno exclusivo (AME) nos primeiros seis meses demonstram que apenas 45,8% das crianças foram amamentadas dentro desse critério (ENANI, 2019).

Para o bebê, além de fornecer energia e nutrientes, o leite materno protege contra infecções e fortalece seu sistema imunológico, também prevenindo agravos futuros, como obesidade, diabetes e problemas sistêmicos. Para a mãe, o processo de amamentação diminui chances do desenvolvimento de cânceres do sistema reprodutor e diabetes *mellitus* tipo 2, além de acelerar o processo de recuperação pós-parto. Outrossim, a duração do aleitamento materno é proporcional aos benefícios à saúde da mulher e da criança (BRASIL, 2019).

Assim, em virtude dos comprovados benefícios da amamentação, a Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) recomendam que o aleitamento materno deve ser iniciado ainda na primeira hora de vida, e deve ser continuado de forma exclusiva durante os primeiros 6 meses quando inicia-se a introdução de outros alimentos e pode prosseguir até os 2 anos ou mais.

Na análise da prevalência do aleitamento materno no Brasil, o Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil de 2019 (ENANI), realizado pelo Ministério Saúde, constatou que 96,2% das crianças foram amamentadas no mínimo uma vez nos dois primeiros anos de vida, contudo, o índice de crianças brasileiras que tiveram o AME nos seis primeiros meses de vida cai bruscamente para 45,8%, tendo índice de 39% de AME em menores de 6 meses na região nordeste do país (ENANI, 2019).

Entretanto, ao comparar com outros países, os Estados Unidos da América e a Noruega possuem, respectivamente, taxa de 27% e 35% de crianças em aleitamento materno no primeiro ano de vida, demonstrando diferença significativa do Brasil (UNICEF, 2022; VICTORA CG, et al., 2016).

Para aumentar o índice de amamentação no mundo, na 69ª Assembleia Mundial da Saúde, realizada em 2016, a Organização Mundial da Saúde estabeleceu a meta de aumentar o percentual mundial de crianças em aleitamento materno exclusivo durante os seis primeiros meses para 50%, até 2025 (WHO, 2016).

Dentre os fatores relacionados diretamente a continuidade do AME e da continuidade do aleitamento materno até os dois anos de idade, são os mais citados: leite insuficiente ou fraco, pouco apoio e orientações claras para início e continuidade do AME por parte dos profissionais de saúde, conhecimento inadequado sobre a importância e necessidade do AME, utilização de bicos, chupetas, mamadeiras, etc (LEÃO GNC, et al., 2022).

Nessa direção, ressalta-se a necessidade da realização de pesquisas que busquem identificar os fatores que influenciam na duração do aleitamento materno para ampliar os saberes relacionados à saúde materno-infantil e possibilitando que as intervenções sejam bem direcionadas, e ainda, para que sirvam como base para formulação e implementação de políticas públicas governamentais que atendam as particularidades das nutrizes e crianças.

Considerando os achados acima, o objetivo da presente pesquisa foi identificar quais fatores biopsicossociais estão relacionados ao tempo de duração do aleitamento materno.

MÉTODOS

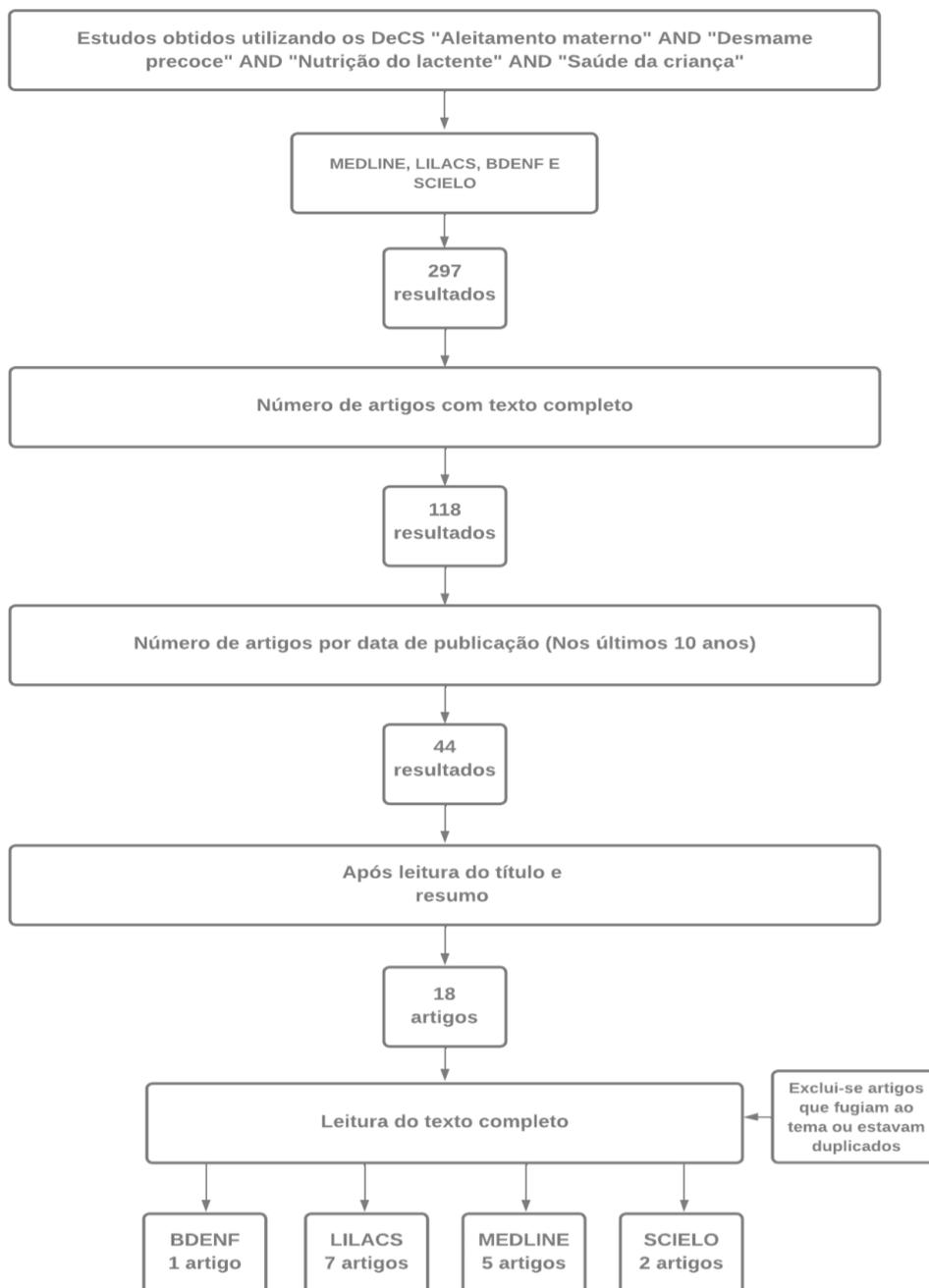
Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, na qual foi utilizada a questão norteadora: “Quais fatores biopsicossociais influenciam na prática do aleitamento materno?”. Durante a elaboração da metodologia da revisão, foram seguidas algumas etapas a fim de organizar o estudo, iniciando pela definição da temática e questão norteadora, seguida pela elaboração dos objetivos e seleção dos critérios de inclusão e exclusão, com posterior seleção dos estudos e análise dos mesmos dentro dos critérios pré-estabelecidos.

O levantamento bibliográfico foi realizado em março de 2023, utilizando as seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE) *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e BDEF, por meio da combinação dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Aleitamento materno, Desmame precoce, Nutrição do lactente e Saúde da criança, com o uso do operador booleano “AND”.

Foram incluídos artigos publicados em bases de dados nacionais e internacionais, textos completos disponíveis na base de dados, publicações em português e inglês, entre os anos correspondentes de 2013 a 2023.

Como critério de exclusão aplicou-se: artigos que não estavam na íntegra, publicações em outros idiomas e realizadas fora do período requisitado, estudos duplicados, e aqueles que não atenderam ao tema proposto ou que não responderam à questão norteadora (**Figura 1**).

Figura 1 – Método de seleção dos artigos para a revisão integrativa.



Fonte: Lima MEV, et al., 2023.

RESULTADOS

Após realizar a busca nas bases de dados pelos descritores, foram localizados 297 artigos. Ao selecionar os artigos com disponibilidade do texto completo, 118 artigos foram escolhidos, com diminuição do número para 49, ao limitar o critério de busca à data de publicação. Por duplicação, 2 artigos foram descartados. No total, 47 artigos foram selecionados e avaliados dentro do critério de inclusão. Para leitura integral, foram selecionados 22 artigos, com seleção da amostra final composta por 15 artigos. A maioria dos estudos foram publicados nos anos de 2013 e 2015, sendo 3 artigos para cada período, representando 40% dos artigos selecionados para revisão, tendo o tipo predominante o estudo transversal (**Quadro 1**).

Quadro 1 - Síntese das análises dos estudos, apresentando a base de dados, título, autores e principais achados da pesquisa.

N	Base	Autores (Ano)	Principais achados
1	LILACS	MERCÊS RO, et al. (2022)	Caracterizado como estudo transversal. Com objetivo de identificar entre crianças de zero a seis meses de vida, atendidas em uma unidade de saúde em um município do sudoeste baiano, quais são os fatores associados à introdução precoce dos alimentos. Como conclusão, os resultados do estudo demonstraram que, apesar dos benefícios já descritos do leite materno, há associação da introdução alimentar precoce com o uso de chupetas, sendo necessário ações para prevenir e alertar sobre o perigo do desmame e introdução alimentar precoce.
2	LILACS	PINHEIRO JMF, et al. (2021)	Estudo transversal aninhado à estudo de coorte. Com objetivo de analisar os fatores determinantes da oferta do complemento alimentar para o recém-nascido e a prevalência do mesmo. Em conclusão, o estudo identificou que a alta prevalência da oferta de fórmulas infantis para recém-nascidos, de forma inadequada, precisa sofrer intervenção, considerando as características maternas e assistenciais para que ocorra e seja promovido o AME ainda no ambiente hospitalar.
3	LILACS	TETER MSH, et al. (2021)	Caracterizado como estudo descritivo exploratório quantitativo. O objetivo foi identificar os fatores que levam ao desmame precoce em uma unidade de saúde de Santa Catarina. Em conclusão, o estudo identificou que as mães interromperam a amamentação por fatores sociais e/ou psicológicos, mas reconhecem a amamentação um fator de vínculo entre mãe e bebê que deve ser mantido.
4	LILACS/B DENF	BAIER MP, et al. (2020)	Caracterizado como estudo exploratório prospectivo quantitativo. O objetivo é avaliar a prevalência da amamentação em municípios do Paraná através da Rede Mãe e identificar fatores associados à prática do aleitamento materno (AM) até o sexto mês de vida do lactente. O estudo concluiu que o aleitamento materno está em nível inferior ao preconizado, sendo necessário ações de apoio e proteção ao AM, associado à uma rede de apoio.
5	LILACS	NERI VF, et al. (2019).	Caracterizado como estudo transversal. O objetivo do estudo é investigar a ocorrência do desmame precoce em crianças menores de um ano de idade e identificar quais fatores sociais podem estar associados a essa prática. Como conclusão, o estudo identificou que as mães conhecem sobre os benefícios da amamentação, contudo, por fatores sociais o desmame precoce é provocado.
6	BDENF	MARTINS DP, et al. (2018)	Estudo qualitativo, do tipo descritivo. O objetivo da pesquisa foi relatar o conhecimento e dúvidas mais comuns das mães em aleitamento. O estudo identificou que as mães conhecem os benefícios do AM relacionado à proteção do bebê e a qualidade do leite como alimento essencial. Entretanto, relacionado ao conhecimento sobre os benefícios para a mãe, apenas 3,7% das mães mencionaram esta vantagem. Relacionado ao conhecimento adquirido no pré-natal, muitas nutrizes apresentaram dúvidas e dificuldades na prática do AM no cotidiano mesmo após as consultas. Conclui-se então que existe uma lacuna no conhecimento sobre AM relacionado ao tempo, manejo prático e exclusividade. Portanto, as dificuldades identificadas no estudo sugerem a necessidade estratégias educativas facilitadas para as nutrizes, especialmente por parte do profissional da enfermagem.
7	MEDLINE	KUSWARA K, et al. (2016)	Caracterizado como estudo exploratório qualitativo. O objetivo foi explorar as experiências de mães imigrantes chinesas ao alimentar seus bebês para obter uma visão dos fatores que moldam suas decisões de alimentação e percepções do crescimento infantil. Em conclusão, mostrou que as mães imigrantes chinesas eram bem informadas e gostariam de seguir as recomendações sobre o aleitamento materno exclusivo, mas tiveram sua confiança reduzida devido a conflitos e pressão dos avós.
8	MEDLINE	SHARP M, et al. (2015)	Caracterizado como estudo de coorte. O objetivo foi examinar as mudanças na amamentação de bebês prematuros ao longo do tempo. Em conclusão, o que mais levou ao desmame precoce foi a baixa produção de leite e a insegurança materna sobre a quantidade e qualidade do leite, que podem estar correlacionados.

9	MEDLINE	KARALL D, et al. (2015)	Caracterizado como estudo de coorte, de caráter prospectivo. Teve como objetivo entender os fatores que influenciam o desmame precoce e encontrar oportunidades para aplicar políticas de saúde para melhorar os resultados do aleitamento exclusivo. Concluiu-se que fatores como insuficiência de leite, baixa autoestima materna, alimentação suplementar, menor idade materna e menor escolaridade da mãe exercem forte influência no momento do desmame e não recebem a devida atenção, prejudicando a continuidade da amamentação.
10	LILACS	FIGUEIREDO MCD, et al (2015)	Caracterizado como estudo transversal. O objetivo foi identificar quais fatores sociodemográficos estão associados ao desmame precoce e comparar a duração do aleitamento materno exclusivo entre mães que receberam orientação sobre aleitamento materno e mães que não foram orientadas para essas práticas. Em conclusão, os principais fatores que influenciam na duração do AME são fatores socioeconômicos e incentivo inadequado, sendo necessário a padronização e maior frequência das orientações as lactantes, com objetivo de reduzir a chance de desmame precoce.
11	MEDLINE	NEWBY R, et al. (2014)	Caracterizado como estudo prospectivo transversal. O estudo teve como objetivo avaliar o conhecimento e crenças de mães de primeira viagem sobre a alimentação infantil. Os pesquisadores desse estudo concluíram que o aumento do conhecimento sobre o aleitamento materno e seus benefícios, além da compreensão sobre a introdução alimentar adequada são fundamentais para manter o AME e a introdução alimentar em idade adequada. Além disso, recomenda-se que tais orientações sejam feitas durante o pré-natal para obter impactos positivos.
12	MEDLINE	JONSDOTTIR OH, et al. (2014)	Caracterizado como análise de dados secundários de dois estudos, sendo o primeiro um ensaio controlado randomizado e o segundo estudo de coorte prospectivo. Teve como objetivo avaliar o efeito do acesso ilimitado a consultoria na alimentação complementar de 5 a 6 meses para bebês que recebem alimentos complementares a partir dos 4 meses de idade e seu efeito na duração total da amamentação. Em conclusão, o estudo identificou que as mães que receberam consultoria de amamentação ilimitada, mantiveram os 6 meses de AME e iniciaram a introdução alimentar de modo mais devagar. Em comparação, as mães que mantiveram a AME por 6 meses, continuaram a amamentação por um período mais longo, em contraste com as mães que mantiveram a AME por 4 meses, independente do contato com a consultoria de amamentação.
13	LILACS/ BDENF	FROTA MA, et al. (2013)	Caracterizado como estudo exploratório de abordagem qualitativa. O objetivo foi investigar os hábitos alimentares e os fatores que interferem na prática do aleitamento materno exclusivo em crianças de 0 a 6 meses de idade. Concluiu-se que, a introdução alimentar precoce e fatores que influenciam negativamente na continuidade da amamentação estão associados principalmente às crenças e costumes. Contudo, a percepção dos benefícios da amamentação foram identificados na população, o que torna importante a elaboração de estratégias para incentivar a AME e adequada orientação para introdução alimentar.
14	SCIELO	WARKENTIN S, et al. (2013)	Análise, através do uso de dados secundários, da Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher 2006 (PNDS). O objetivo do estudo foi descrever a duração e os determinantes para o aleitamento materno exclusivo (AME). Corrigindo o tempo estimado pelo estudo em análise, os autores observaram que, apesar dos inúmeros avanços do incentivo do AME no Brasil, a taxa de amamentação está aquém do recomendado por órgãos da saúde.
15	SCIELO	NEVES ACM, et al. (2013)	Pesquisa de dados secundários no estudo "Chamada Neonatal: avaliação da atenção ao pré-natal e aos menores de um ano nas regiões Norte e Nordeste". O objetivo foi identificar fatores associados ao AME em crianças menores de seis meses de idade, residentes do Nordeste do Brasil e da Amazônia Legal. Os autores concluíram que em ambas as regiões a idade da lactante e do lactente afetam a AME. Relacionado à Amazônia Legal, o local destinado à residência e a amamentação tiveram impacto sobre a prática do aleitamento, tornando imprescindível a adoção de estratégias diferenciadas para a promoção do aleitamento materno em diferentes regiões do país.

Fonte: Lima MEV, et al., 2023.

DISCUSSÃO

Destacamos que o ideal para discussão da temática seria a análise e comparação de estudos mais recentes, no período de 2018 a 2023, correspondendo aos últimos 5 anos. Entretanto, a quantidade de artigos do período ideal não era consistente para a seleção de uma amostra suficiente para o estudo, com a utilização da metodologia descrita pelos autores. Por isso, optou-se por ampliar a busca por artigos publicados desde 2013 até 2023, considerando as constantes atualizações e as diversas abordagens de estudos acerca da prática do aleitamento materno.

Os benefícios associados à prática do aleitamento materno são frequentemente discutidos e são objeto de estudo de diversos países e organizações internacionais, como o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Em uma análise dos principais indicadores sociais, a UNICEF catalogou as pesquisas sobre aleitamento materno ao redor do mundo. No Brasil, 3 pesquisas de alcance nacional foram relatadas de 1986 a 2019, em que a taxa de amamentação exclusiva nos primeiros seis meses aumentou substancialmente de 2,6% para 45,8%, com a mudança promovida pela implementação de práticas de promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno, especialmente o AME (ENANI, 2019; UNICEF, 2022).

Como resultado dos esforços para enfatizar e difundir os benefícios da amamentação, supõe-se que a nutriz possui conhecimento das informações preconizadas por profissionais da saúde e outros meios, como já observado por Newby R, et al. (2019) e ratificado por Martins DP, et al. (2018) ao obter resultados que concordam parcialmente com o estudo citado, tendo em vista que o conhecimento de nutrizes sobre a amamentação é limitado aos aspectos biomédicos para a saúde da criança, o que é caracterizado como um conhecimento deficitário que necessita de ampliação e discussão para incentivar a prática da amamentação com qualidade (MARTINS DP, et al., 2019).

Corroborando com esse achado, Frota MA, et al. (2013) pontua que ao associar a capacidade de amamentar somente à fatores biológicos, exclui-se a subjetividade do processo da amamentação e transforma-o em uma imposição para a mãe, causando insegurança e culpa quando ela sente dificuldades para amamentar. Logo, o recebimento de informações sobre os benefícios do AM não garante que as mães cumprirão as recomendações preconizadas pela OMS, como evidenciado por Neri VF, et al. (2019), por isso, devem ser considerados os fatores sociais, psicológicos e biológicos para orientações sobre a amamentação.

A idade materna também é fator determinante para a prevalência do AME, sendo que mães mais jovens têm maior probabilidade de introduzir alimentos precocemente, como evidenciado por Warkentin S, et al. (2013), Teter MSH, et al. (2015), Figueiredo MCD, et al. (2015), Neri VF, et al. (2019), Baier MP, et al. (2020) e Mercês RO, et al. (2022). Segundo Neri VF, et al. (2019), essa relação pode ser explicada tendo em vista que mães mais jovens, entre 20 a 30 anos, podem ser confrontadas por obstáculos como entrada no mercado de trabalho, faculdade e qualificação acadêmica, entre outros determinantes que prejudicam a prática do aleitamento materno.

Ademais, os resultados descritos acima são semelhantes aos de outros estudos que referem que mães mais jovens têm mais chances de interromper a amamentação por inexperiência e terem mais inseguranças, como o resultado de Andrade HS, et al. (2018), em comparação com resultados de mães com maior idade (acima de 35 anos) que apresentam maior chance de permanecer na prática do aleitamento materno, especialmente aleitamento materno exclusivo, confirmado pelo estudo de Neves ACM, et al. (2013). Ainda, foi encontrada associação entre o grau de escolaridade materna e a duração do AM, onde, segundo Teter MSH, et al. (2015), mães com ensino superior são mais suscetíveis a aceitar as recomendações sobre AME, corroborando com os achados. Essa associação entre a idade materna, nível de escolaridade e a interrupção precoce do aleitamento materno exclusivo é comum quando a mãe é adolescente e a gravidez é inesperada, como ressaltado por Warkentin S, et al. (2013).

No estudo supracitado, também se aponta que, em sua maioria, essas mães não dispõem de apoio familiar e não contam com a presença constante do genitor da criança, o que torna difícil que ela amamente plenamente (WARKENTIN S, et al., 2013). Em contraste, no estudo de Figueiredo MCD, et al. (2019) foi

encontrado que a ausência do cônjuge reduz o risco de desmame precoce, o que destoa do encontrado normalmente na literatura.

Neri VF, et al. (2019) observaram que um dos fatores biológicos e psicológicos que influenciam diretamente na prática da amamentação é a percepção do “leite fraco/insuficiente”, ou até mesmo da percepção que o “leite secou”, ou seja, quando há diminuição da produção do leite materno, corroborando com a pesquisa de Teter MSH, et al. (2015), cujo dados mostram que mais de 30% das mães entrevistadas (da amostra total de 255 mulheres) admitem que o desmame precoce foi provocado pela percepção de leite fraco, pouco leite ou queda da produção do leite, considerado um tabu empírico.

Entretanto, apesar dessa justificativa para o desmame precoce ser comum, essa percepção baseia-se principalmente no estado psicológico da mãe e influências socioculturais visto que a insuficiência de produção de leite por mecanismo fisiológicos é rara, e geralmente, é a falta de orientação sobre a fisiologia da lactação, assistência profissional e de apoio familiar que desencadeia a sensação de insuficiência ao lidar com o choro e agitação do bebê, principalmente após a mamada, levando posteriormente ao uso de substitutos e complementos ao leite materno (KARALL D, et al., 2015; NERI VF, et al., 2019; AMARAL LJX, et al., 2015).

Dentro da ideia da criação de tabus e mitos criado por familiares e pessoas próximas durante o período que está ligado ao aleitamento materno (exclusivo e complementar), a percepção da influência causada por essas crenças, possuem o potencial de limitar e até mesmo impedir a produção do leite materno e conseqüentemente a nutrição infantil pela própria nutriz de maneira adequada e segura, repercutindo até no início da alimentação complementar (FROTA MA, et al., 2013; NEWBY R, et al., 2014; KARALL D, et al., 2015; SHARP M, et al., 2015).

Associado às questões psicológicas, há questões biológicas que influenciam diretamente no bem-estar materno e na produção do leite da nutriz, além da própria qualidade do manejo durante a amamentação. Ocorrências como a pega e/ou posição inadequada do lactente provocam as intercorrências mamárias, que perpassam a necessidade da amamentação para alimentação do bebê, pois provocam dor física e, em sua grande maioria, dores psicológicas pelo sofrimento ocasionado, e podem desencadear a diminuição da produção lactífera e a descontinuidade da amamentação (SOUZA DR, et al., 2019; BEZERRA EG, et al., 2022).

Baier MP, et al. (2020) e Martins DP, et al. (2018) expõem as intercorrências mamárias citadas anteriormente, que são responsáveis por influenciar, especialmente, a integridade da nutriz, prejudicando a prática do AM e provocando a manifestação dos sintomas durante as intercorrências como ingurgitação mamária, trauma mamilar e mastites, sendo o trauma mamilar mais frequente, com o início das queixas principalmente pelo quadro algico, além das fissuras, mamas edemaciadas e com relato de calor local, que impedem a continuidade do aleitamento, sendo este resultado consoante com o encontrado por Quesado NT, et al. (2020).

Com base no estudo feito com 119 mães voluntárias do município de Belém do Pará, Bezerra ECG, et al. (2022) constatou que 78,99% das entrevistadas descontinuaram a amamentação por complicações durante o aleitamento materno, apresentando as intercorrências citadas em estudo citado anteriormente, gerando desconforto e insegurança para a continuidade da AM. Entretanto, quando há intervenção rápida e eficaz por parte dos profissionais da saúde na orientação da amamentação e imediato alívio dos sintomas e manejo do caso, torna-se possível a diminuição das manifestações sintomáticas e até mesmo a possibilidade de evitar o surgimento de outras complicações que possuem potencial para agravar a situação existente. (BEZERRA ECG, et al., 2022; QUESADO NT, et al., 2020; FEITOSA MEB, et al., 2020).

Teter MSH, et al. (2015) aponta que o retorno ao trabalho é um fator relevante para o desmame antes do sexto mês de vida, considerando que a maioria das mães interrompeu o AME devido a isso, em consonância com os achados de Figueiredo MCD, et al. (2015) e Neri VF, et al. (2019). De forma geral, esse retorno significa um distanciamento do ideal de amamentação e uma quebra do vínculo entre mãe e filho que está em formação (ALMEIDA LMN, et al., 2022). Entre os aspectos laborais que afetam a

continuidade da amamentação, pode-se apontar a falta de suporte e incentivo dos empregadores e colegas de trabalho, principalmente no período imediato após o parto. Associado a isso, mesmo que previsto pelo artigo 396 da Consolidação das Leis do Trabalho (BRASIL, 1943), em geral, não há facilitação para que a mãe faça os intervalos para amamentar o bebê ou mesmo para ordenha do leite materno durante a jornada de trabalho, além de que também não há construção de um espaço adequado, privado e com insumos destinado para a ordenha e assistência aos filhos dessas trabalhadoras. Assim, a mãe que está afastada do seu bebê não consegue esvaziar as mamas de forma contínua para aliviar desconforto e dores, o que leva a baixa produtividade no trabalho, além de desestimular a produção láctea (SOLDATELLI BE, et al., 2016; ALMEIDA LMN, et al., 2022).

Nesse sentido, com a necessidade da mulher moderna de conciliar sua atuação no mercado de trabalho, tarefas domésticas e filhos, sem o auxílio devido dos chefes, colegas e sua rede de apoio para que ela possa destinar tempo e esforço para o aleitamento materno exclusivo, a maioria opta pela diminuição progressiva na amamentação até a interrupção total. Na compreensão da necessidade do profissional de saúde no suporte da prática do aleitamento materno, há a disponibilização das informações sobre o AM, entretanto, apesar do conhecimento que as nutrizes obtêm durante o período do pré-natal e puerpério acerca da amamentação, ainda há lacunas latentes que prejudicam a total adesão ao aleitamento materno, especialmente a utilização do leite materno como alimentação exclusiva para o bebê nos primeiros 6 meses de vida e tornam a pouca assistência ou total ausência do profissional de saúde, para as orientações necessárias durante o AME E AM, um determinante de risco para continuidade da amamentação (MERCÊS RO, et al., 2022; NERI VF, et al., 2019; MARTINS DP, et al., 2018).

Em sintonia com os achados anteriores, os estudos de Oliveira MD, et al. (2019) e Pedraza DF (2019) reforçam a importância não somente da orientação durante o período gestacional, como também no pós parto para reforçar a importância do AME, garantir a adesão da nutriz com o aleitamento materno, de modo a sanar as dúvidas existentes e prestar assistência profissional prática e incentivar a continuidade da amamentação após o período de exclusividade do aleitamento, mantendo em evidência os benefícios associados à prática da amamentação dentro da orientação profissional, como já observado por Jonsdottir OH, et al. (2014), ao comprovar que o acesso ilimitado aos profissionais capacitados sobre AM, aumentaram a chance da lactante permanecer na prática da amamentação, em detrimento das nutrizes que não foram acompanhadas com frequência e com orientações qualificadas. Além dos fatores apontados como determinantes na persistência na prática da amamentação, há a utilização de produtos comercializados para recém-nascidos que podem interferir no aleitamento materno, como chupetas, bicos e mamadeiras, bem como o que são regulamentados no Brasil pela Norma Brasileira de Comercialização de Alimentos para Lactentes (NBCAL), estabelecida pela Lei nº 11.265/2006 para estabelecer critérios para comercialização e utilização desses itens, a fim de proteger e promover o aleitamento materno e garantir a segurança do lactente.

Entretanto, apesar dos esforços empregados para o apoio do AM, a utilização de chupetas foi apontada no estudo de Warketin S, et al. (2013), com uma amostra de 1.704 bebês de até 2 anos de idade, como uma das causas para a interrupção do aleitamento materno, tendo em vista que 53% da população estudada teve um aumento no risco para o desmame precoce. Além disso, o estudo de Mercês RO, et al. (2022) apresenta resultados em que relaciona a adoção da introdução alimentar precoce, consequência da descontinuidade da amamentação, sendo provocada pelo uso de bicos e chupetas, corroborando o estudo de Silva OLO, et al. (2019) ao relatar a chupeta como um possível promotor da confusão de bicos, que leva a interrupção da amamentação. Pinheiro JMF, et al. (2021) apontam que a utilização de fórmulas infantis para recém-nascidos torna-se necessária por algumas razões quando considerado o aspecto nutricional, dentre os quais é válido citar deficiência de colostro, dificuldades na pega e sucção do bebê, entre outras complicações com o recém-nascido (RN), contudo, mais da metade dos motivos encontrados nessa pesquisa são de oferta do complemento sem prescrição justificada e que podem se tornar um risco no desenvolvimento infantil, de acordo com Gonçalves VSS, et al. (2019) e Santos DA, et al. (2021) relacionado ao ganho de peso progressivo e a infecção contra doenças, além de prejudicar a continuidade e adesão ao AM.

Outro fator apontado como um dos principais determinantes da continuidade ou interrupção da prática do aleitamento materno é a interferência dos avós na continuidade da amamentação e na introdução alimentar, evidenciado por Frota MA, et al. (2013), Kuswara K, et al. (2016) e Mercês RO, et al. (2022). Apesar dos avós e outros familiares próximos se colocarem como rede de apoio para a mulher no puerpério, essa busca por uma referência experiente (mãe, avós, tias ou irmãs mais velhas) pode ajudar ou prejudicar a exclusividade do aleitamento materno, pontuado por Souza DR, et al. (2019). Em geral, a influência da avó provém de conhecimentos empíricos adquiridos de experiências do cotidiano ao longo da vida e que, em determinadas situações, contrariam as recomendações dos profissionais de saúde, e que podem induzir a interrupção do aleitamento materno exclusivo aos 4 ou 5 meses, principalmente com a introdução de chás, sucos e água como forma de complementar a alimentação infantil, como observado anteriormente ao analisar a influência de fatores como mitos e crenças limitantes na amamentação (KUSWARA K, et al., 2016; SOUZA DR, et al., 2019).

Esses achados reforçam que as avós desenvolvem um papel dominante na definição da alimentação e nutrição da criança, como pontuado por Souza DR, et al. (2019), que também associa essa influência familiar a lacunas nas informações repassadas pelos profissionais de saúde que não fazem as orientações durante o pré-natal e durante a lactação visando que essa mãe seja possuidora de conhecimento suficiente para saber quais conselhos externos ela deve recusar a fim de manter a exclusividade do aleitamento materno e iniciar a alimentação complementar como preconizado pelos órgãos de saúde (SOUZA DR, et al., 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática do aleitamento materno é transpassada por variáveis biológicas, sociodemográficas e, principalmente, socioculturais que interferem diretamente no início e continuidade da amamentação. Nesse sentido, conclui-se que dentre os estudos analisados, os principais fatores que causam dificuldade na prática da amamentação e que tem potencial para provocar o desmame precoce são: a falta de estrutura e apoio durante o retorno ao trabalho, a percepção de leite insuficiente e a dúvida sobre a capacidade de amamentar, principalmente devido à influência de familiares e pessoas externas, por criação de mitos e tabus, além dos fatores biológicos como as intercorrências mamárias, principalmente no início do processo de amamentação, que podem incentivar a utilização de alimentação e produtos complementares no período de amamentação. Logo, apesar da melhora nos índices de nutrição infantil nas últimas décadas devido às diversas medidas macroestruturais de incentivo ao aleitamento materno durante os dois primeiros anos de vida e o aleitamento materno exclusivo durante os seis primeiros meses, é necessário atentar-se para os fatores mais subjetivos, relacionados a tabus, crenças e dificuldades relacionadas à amamentação e refletir sobre como contorná-los, seja por meio da elaboração e novas estratégias e aperfeiçoando as estratégias existentes, e/ou pela constante qualificação dos profissionais da área e conscientização da sociedade acerca da importância do aleitamento materno para o bem estar materno e infantil.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA LMN, et al. A influência do retorno ao trabalho no aleitamento materno de trabalhadoras da enfermagem, Esc Anna Nery. 2022; 26: e20210183.
2. ANDRADE HS, et al. Fatores relacionados ao desmame precoce do aleitamento materno. Rev Bras Med Fam Comunidade. 2018; 13(40): 1-11.
3. AMARAL LIX, et al. Fatores que influenciam na interrupção do aleitamento materno exclusivo em nutrízes, Rev Gaúcha Enferm. 2015; 36(esp): 127-34.
4. BAIER MP, et al. Aleitamento materno até o sexto mês de vida em municípios da Rede Mãe Paranaense. Revista Enfermagem UERJ. 2020; 28: e51623.
5. BRASIL. Lei nº 11.265, de 3 de janeiro de 2006. Dispõe sobre a comercialização de alimentos para lactentes e crianças de primeira infância e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11265.htm. Acessado em: 15 de maio de 2023.

6. BRASIL. Artigo 396 do Decreto Lei nº 5.452, de 01 de maio de 1943. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho e assegura o direito a dois períodos de descanso de meia hora cada um, durante a jornada de trabalho, para amamentar até que ele complete 6 (seis) meses. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm. Acessado em: 15 de maio de 2023.
7. BRASIL. Lei nº 13.509, de 22 de novembro de 2017. Dispõe sobre adoção e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil). Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13509.htm. Acessado em: 17 de maio de 2023.
8. BRASIL. Ministério da Saúde. Guia Alimentar para Crianças Brasileiras Menores de 2 Anos. Brasília: Ministério da Saúde. 2019; 1: 978-85-334-2737-2.
9. ENANI. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil - ENANI-2019: Resultados preliminares - Indicadores de aleitamento materno no Brasil. UFRJ: Rio de Janeiro. 2020; 1: 9p.
10. FERREIRA TD, et al. Influência das avós no aleitamento materno exclusivo: estudo descritivo transversal. Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa Albert Einstein – IIEPAE: São Paulo. 2018; 16(4): eAO4293.
11. FEITOSA MEB., et al. Breastfeeding: causes and consequences of early weaning. Research, Society and Development. 2020; 9(7): e856975071.
12. FIGUEIREDO MCD, et al. Human milk bank: the breastfeeding counseling and the duration of exclusive breastfeeding. Rev. bras. crescimento desenvolv. hum. 2015; 25(2): 204-210.
13. FROTA MA, et al. Mothers' knowledge concerning breastfeeding and complementation food: an exploratory study. Online Braz J Nurs. 2013; 12: 120-34.
14. GADELHA, ECB, et al. Fatores associados à duração do aleitamento materno no Município de Belém/PA. Brazilian Journal of Development. 2022; 8(3): 16931–16945.
15. GONÇALVES VSS, et al. Marcadores de consumo alimentar e baixo peso em crianças menores de 6 meses acompanhadas no Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional, Epidemiol. Serv. Saúde. 2019; 28(2): e2018358.
16. JONSDOTTIR OH, et al. Initiation of Complementary Feeding and Duration of Total Breastfeeding: Unlimited Access to Lactation Consultants Versus Routine Care at the Well-Baby Clinics. Breastfeeding Medicine. 2014; 9(4): 196-202.
17. KARALL D, et al. Breast-feeding Duration: Early Weaning-Do We Sufficiently Consider the Risk Factors?. J Pediatr Gastroenterol Nutr. 2015; 61(5): 577-582.
18. KUSWARA K, et al. The infant feeding practices of Chinese immigrant mothers in Australia: A qualitative exploration. Appetite. 2016; 105: 375-384.
19. LEÃO, GNC, et al. Factors associated with early weaning from breastfeeding: a review. Research, Society and Development. 2022; 11(7): e11811727943.
20. MARTINS DP, et al. Conhecimento de nutrizes sobre aleitamento materno: contribuições da enfermagem. Revista de Enfermagem UFPE. 2018; 12(7): 1870-1878.
21. MERCÊS RO, et al. Fatores associados à introdução alimentar precoce em um município baiano. Revista de Ciências Médicas e Biológicas. 2022; 21(2): 243–251.
22. NERI VF, et al. Prevalence of early weaning and related factors in children of the Federal District and surroundings. REVISA. 2019; 8(4): 451-9.
23. NEVES ACM, et al. Factors associated with exclusive breastfeeding in the Legal Amazon and Northeast regions. Revista de Nutrição. 2013; 27(1): 81-95.
24. NEWBY R, et al. Infant Feeding Knowledge, Attitudes, and Beliefs Predict Antenatal Intention Among First-Time Mothers in Queensland. Breastfeeding Medicine. 2014; 9(5): 266-272.
25. OLIVEIRA MD, et al. Incentivo ao aleitamento materno na idade recomendada realizada pelos profissionais que atuam durante o processo de orientação materno-infantil para evitar o desmame precoce. RPBecS. 2019; 6(12): 29-35.
26. PEDRAZA DF, et al. Duração do aleitamento materno e sua associação com características maternas e orientações sobre incentivo à amamentação recebidas no pré-natal em unidades básicas da Saúde da Família de um município do Nordeste brasileiro, DEMETRA. 2019; 14(1): e43189.
27. PINHEIRO JMF, et al. Prevalence on the complement in offering food to newborns. Rev Bras Saude Mater Infant. 2021; 21(3): 869–78.
28. QUESADO NT, et al. Intercorrências mamárias relacionadas à amamentação em uma maternidade amiga da criança. Revista Eletrônica Acervo Saúde. 2020; 12(11): e4635.

- 29.SANTOS DA, et al. Early weaning-related pathologies: How to prevent? *Research, Society and Development*. 2021; 10(7): e45610716187.
- 30.SHARP M, et al. Improvement in Long-Term Breastfeeding for Very Preterm Infants. *Breastfeeding Medicine*. 2015; 10(3): 145-149.
- 31.SILVA OLO, et al. Associação entre oferta de fórmulas infantis e chupetas na maternidade e amamentação nos primeiros seis meses de vida. *DEMETERA*, Rio de Janeiro. 2019; 14(1): e43555.
- 32.SOLDATELI B, et al. Adesão a recomendações alimentares em pré-escolares: ensaio clínico com mães adolescentes. *Rev Saude Publica*. 2016; 50: 050006622.
- 33.SOUZA DR, et al. Aleitamento materno e os motivos do desmame precoce no município de Porto Velho – Ro. *REAS*. 2019; (31): e1087.
- 34.TETER MSH, et al. Amamentação e desmame precoce em lactantes de Curitiba. *Espaço para a Saúde*. 2021; 16(4): 54-63.
- 35.United Nations Children’s Fund, Division of Data, Analysis, Planning and Monitoring (2022). *Global UNICEF Global Databases: Infant and Young Child Feeding: Exclusive breastfeeding*, New York. 2022. Disponível em: <https://data.unicef.org/topic/nutrition/infant-and-young-child-feeding/>. Acessado em: 7 de março de 2023.
- 36.VICTORA CG, et al. Breastfeeding in the 21st century: epidemiology, mechanisms, and lifelong effect. *The Lancet*. 2016; 387(10017): 475 - 490.
- 37.WARKENTIN S, et al Exclusive breastfeeding duration and determinants among Brazilian children under two years of age. *Rev Nutr*. 2013; 26(3): 259-269.
- 38.WHO. Maternal, infant and young child nutrition: Guidance on ending the inappropriate promotion of foods for infants and young children. Geneva, Switzerland: World Health Organization. 2017; 978-92-4-151347-0.
- 39.WHO. 2021. In: *Infant and young child feeding*. WHO: Newsroom Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/infant-and-young-child-feeding>. Acesso em: 7 de março 2023.